

“Martin Luther King Jr. Foi um homem que viveu plenamente a sua missão. Desde jovem, tinha consciência de que era diferente dos outros. Brilhante e esforçado nos estudos, poderia ter usado o seu talento em benefício próprio e, mesmo com toda a discriminação que os negros norte-americanos sofriam, seria bem-sucedido pessoalmente.

No entanto, a vida de Martin Luther King Jr. Não lhe pertencia. Nem mesmo à sua esposa e aos quatro filhos – Yolanda., Martin III, Dexter e Bernice -, mas à causa dos direitos civis dos negros norte-americanos.

[...]

O sonho de liberdade de Martin Luther King Jr. Não dizia respeito apenas ao povo negro – mesmo que eles fossem as maiores vítimas -, mas a todo homem que acreditava que o mundo deveria ser melhor e mais justo.[...]

Martin Luther King Jr. transformou-se em porta-voz dos oprimidos, e por sua luta incessante foi escolhido duas vezes o “Homem do Ano” pela revista Time.

No dia 14 de outubro de 1964, no mesmo ano no qual os estados Unidos passaram a bombardear o Vietnã, Martin Luther King Jr. Ganhou, aos 35 anos, o Prêmio Nobel da Paz – o mais jovem ganhador, e o segundo negro norte-americano a receber a distinção.

No discurso que fez ao receber o prêmio, ele demonstrou que era um homem excepcional: não guardava rancor, e sua guerra era contra a injustiça, não contra os homens.

“Quando os anos tiverem se passado e a resplandecente luz da verdade focalizar essa era magnífica em que vivemos, homens e mulheres saberão, e as crianças irão aprender, que temos uma terra mais justa, um povo melhor, uma civilização mais nobre – porque esses humildes servos de Deus se dispuseram a sofrer em nome da retidão.”

E finalizou seu discurso, emocionado, citando um velho escravo: *“Não somos o que devemos ser, não somos o que queremos ser, não somos o que seremos. Mas graças a Deus, não somos mais o que éramos.”*

WHITMAN, Christie. O jovem Martin Luther King. 4ed. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2013. pp.153 - 156.